

Apresentação da Teoria dos Blocos Semânticos¹

Oswald Ducrot²

Tradução de Cristiane Dall’Cortivo Lebler³

Revisão da tradução de Lauro Gomes⁴

Resumo

Este texto faz um balanço dos conceitos mais importantes da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Forma radical da Teoria da Argumentação na Língua, a TBS postula que os átomos semânticos têm a estrutura de um encadeamento argumentativo, do qual há dois tipos: em *portanto* (*donc*) e em *no entanto* (*pourtant*). Indo além de qualquer noção de referência ou vericondicionalidade, para essa teoria de inspiração estruturalista, a significação lexical e o sentido dos enunciados são constituídos por entrelaçamentos de palavras.

Palavras-chave: Significação. Sentido. Teoria dos Blocos Semânticos

Data de submissão: set. 2024 – Data de aceite: set. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i1.16318>

¹ Publicado originalmente na *Revista Verbum*, Tomo XXXVIII, n.º 1-2, 2016, p. 53-65. Tradução: Cristiane Dall’Cortivo Lebler (UFSC). Revisão da tradução: Lauro Gomes (FURG).

² École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS – Paris).

³ Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui graduação em Letras/Português pela Universidade Federal do Rio Grande (2006). É Mestre (2009) e Doutora (2013) em Letras - área de concentração Linguística - pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com dissertação e tese na linha de pesquisa Texto, Enunciação, Discurso: teoria e prática. Em 2020, realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: cristiane.lebler@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3389-1850>

⁴ Professor Adjunto do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CNPq). Realizou estágio de doutorado (modalidade: sanduíche - PDSE/CAPES - 2018/2019) no Centre de Recherches sur les Arts et le Langage (CRAL), da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris), sob orientação da Directrice d’études Marion Carel. Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (CAPES). E-mail: lauro.gomes@furg.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1302-2693>

O texto que se vai ler visa, e visa somente, a apresentar a "Teoria dos Blocos Semânticos" (por abreviação TBS). Trata-se de uma teoria de semântica linguística, lançada por Marion Carel em sua tese de 1992, a qual ela, desde então, não apenas construiu, mas reformulou, desenvolveu e aplicou, em colaboração, em certos pontos, com várias pessoas (por exemplo, Alfredo Lescano e eu). A TBS é uma forma radical – gostaríamos até de poder dizer *a* forma radical – da "Teoria da Argumentação na Língua" (ANL) que Jean-Claude Anscombre e eu tínhamos apresentado cerca de trinta anos atrás (ver especialmente Anscombre e Ducrot, 1983). A TBS visava apenas, inicialmente, a suprimir certas incoerências da ANL, particularmente a noção de "topoi", que Anscombre e eu tínhamos colocado no centro de nossa teoria. Marion Carel percebeu que essa noção, por um lado, introduzia incoerências na ANL e as introduzia, porque era o resultado de um compromisso com teorias semânticas comuns. Para eliminar essas incoerências, era necessário elaborar uma teoria muito mais radical, muito mais claramente oposta à maneira comum de conceber a descrição semântica linguística.

Retomo a ideia original da "Teoria da Argumentação na Língua", expressa pela preposição "na" dessa fórmula. Anscombre e eu nos opúnhamos à ideia de que as argumentações ligadas a um enunciado (nós entendíamos por argumentação essencialmente sequências conclusivas que poderiam ser dadas *no discurso*) são apenas um suplemento, uma adição, ao seu próprio valor semântico. Ao contrário, pelo menos algumas dessas continuações argumentativas fazem parte da própria significação linguística da frase realizada pelo enunciado e nós chegamos a dizer até mesmo (esta é a posição da qual se zombou, chamando-a o "tudo argumentativo") que todo o valor semântico da frase é composto unicamente por potencialidades argumentativas discursivas. Por exemplo, para nós, quando dizemos de alguém *ele é prudente, portanto não sofrerá acidente*, a conclusão introduzida por *portanto* só desenvolve o próprio sentido da palavra *prudente*, sentido que se esgota por uma série de conclusões desse tipo. Assim, segundo nossa perspectiva, o sentido linguístico de um enunciado não é constituído pelo "pensamento" que, como é dito com frequência, esse enunciado exprime, tampouco por suas condições de verdade, ligadas, elas mesmas, ao "estado das coisas" que ele deveria denotar (na verdade, o que ele denotaria são os fatos cuja existência o tornaria verdadeiro). Portanto, nós nos opomos, ao mesmo tempo, a uma concepção cognitiva e a uma concepção referencialista (ou ainda veritativa) do sentido. Nós chamamos, ao contrário, 'sentido de um enunciado' apenas os discursos argumentativos, apenas os percursos conclusivos que o enunciado autoriza ou impõe no discurso – sendo admitido, é claro, eu lembro, que esses percursos são independentes das condições de verdade as quais são geralmente atribuídas ao enunciado. Caso contrário, nossa posição seria obviamente contraditória.

É sobre esse princípio de base da ANL que a TBS está construída: ela tenta desenvolvê-lo sem concessão e de uma forma que, ao mesmo tempo, permita descrições detalhadas de entidades linguísticas, morfemas, palavras, grupos de palavras e frases. Trata-se, de fato, de realizar a parte semântica do programa saussuriano, apresentado de forma um pouco confusa no *Curso*, e muito mais clara nos *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 1916, 2002). Partindo da imagem do signo como uma entidade de dupla face, significante e significado, Saussure considera diferentes maneiras de conceber esses dois lados, especialmente o significado. O primeiro, que ele abandona imediatamente, consiste em identificar o significado com os objetos designados pelo signo – concepção obviamente incompatível com a afirmação, frequentemente apresentada como puramente terminológica, mas, de fato, conceitualmente muito forte, segundo a qual o significado é parte integrante do signo. Uma segunda maneira, que, no entanto, permaneceu ligada ao nome de Saussure é a de assimilar o significado a um "conceito", a uma entidade constitutiva do pensamento. Tal modo de ver, se ela está em conformidade com algumas declarações do *Curso*, e nele é ao mesmo tempo explicitamente criticada, especialmente na célebre passagem em que se diz que a língua, longe de explorar uma divisão pré-existente do pensamento, cria suas próprias divisões em seu interior. Por outro lado, e acima de tudo, essa concepção é claramente substituída por outra quando, no capítulo sobre o valor, o significado de um signo é dado como o "valor" desse signo, isto é, como um conjunto de relações entre esse signo e os outros. É a essa concepção, amplamente confirmada pelos *Escritos*, que a TBS se vincula, a qual, ao mesmo tempo, tenta evitar sua fragilidade principal, a saber, sua imprecisão: o *Curso* (segunda parte, capítulo 5) coloca no significado tanto as relações sintagmáticas, constituídas pelas combinações pré-existentes entre signos (por "pré-existentes", é preciso compreender "independentes das construções da fala") quanto as relações paradigmáticas (na terminologia de Saussure, "associativas"), as quais mantêm que não podemos pensar em um signo sem que ele evoque, ao mesmo tempo, outros. Ora, essas relações associativas, de acordo com o único exemplo dado pelo *Curso*, o da palavra *ensino*, formam uma verdadeira desordem, em que encontramos tanto os signos associados por uma proximidade de sentido (*educação*) quanto outros associados por uma simples semelhança fonética (*clemente*, *justamente*).

Para evitar essa confusão, a TBS dá um formato idêntico a todos os elementos constitutivos do sentido. O que faz sentido, para a TBS, são encadeamentos de duas frases por meio de alguns conectores, encadeamentos aos quais se dá o nome de "argumentações", desviando essa palavra de seu sentido habitual. O esquema geral do encadeamento argumentativo, isto é, do átomo semântico, é também uma sequência X CON Y, em que X e Y são frases. (A partir de agora, está claro que, se a TBS busca realizar o projeto fundamental da linguística saussuriana, ela o faz de forma radicalmente oposta ao

dogma saussuriano segundo o qual a frase é um elemento de fala, construído pela atividade individual dos locutores e não pode, portanto, ser um constituinte da significação que os signos possuem na língua. Saussure teria, claro, ainda menos admitido tomar como um elemento semântico encadeamentos de frases. O Saussure ao qual a TBS se refere é, assim, um Saussure revisitado por Chomsky.)

Os conectores

É necessário, agora, especificar a natureza do átomo semântico, precisando quais palavras podem ocupar, no esquema $X \text{ CON } Y$, o lugar do símbolo CON. Para a TBS, os conectores que constituem as argumentações (argumentações que são, lembro, os átomos semânticos) são palavras seja do tipo de *portanto* francês (*donc*), seja do tipo de *no entanto* francês (*pourtant*). Entre as primeiras, constituindo os chamados encadeamentos "normativos", encontramos, em francês, as conjunções *portanto*, *consequentemente*, *de modo que*, *assim*, *se* (a forma superficial é, então, seja s e X , Y , seja Y se X) ou ainda *porque* (a forma superficial é, então, geralmente Y porque X). No segundo caso (encadeamentos transgressivos), o conector pode ser, por exemplo, em francês, *no entanto*, *entretanto*, *ainda que* (a forma superficial é, então, *ainda que* X , Y ou Y *ainda que* X), *mesmo se* (a forma superficial é *mesmo se* X , Y ou Y *mesmo se* X).

Duas perguntas, ao menos, são colocadas a partir da escolha dessas palavras como conectores constitutivos dos encadeamentos. A primeira é saber por que não encontramos, nas listas anteriores, as palavras sobre as quais a ANL mais trabalhou e que Anscombe e eu chamávamos de "conectores argumentativos", por exemplo, *mas* e *até mesmo*. Para a TBS, essas palavras, embora permaneçam essenciais para a descoberta da estrutura argumentativa do discurso, não são constituintes de encadeamentos elementares: os discursos que as contêm articulam diferentes encadeamentos argumentativos. Assim, um discurso X e *até mesmo* X' justapõe e comenta dois encadeamentos argumentativos, em que um tem por primeiro elemento X e o outro tem por primeiro elemento X' : no caso mais simples, trata-se de dois encadeamentos do tipo X *portanto* Y e X' *portanto* Y' , sendo que um elo particular deve ser encontrado entre Y e Y' . Se, portanto, a TBS não admite como conector elementar outros a não ser do tipo de *portanto* ou de *no entanto*, é porque ela espera ser capaz de descrever os outros tipos de relação através de combinações complexas de conexões normativas e transgressivas – o que ela conseguiu fazer em um certo número de casos, dentre outros, aqueles de *mas* e de *por exemplo*.

A segunda pergunta colocada pela escolha, dentre todas as articulações possíveis entre frases, dos tipos transgressivos e normativos, diz respeito ao que os conectores análogos a *portanto* e a *no entanto* têm de particularmente importante, isto é, o que motivou

de maneira positiva a sua escolha. O ponto essencial, do ponto de vista estruturalista, que é o da TBS, é que os enunciados encadeados por meio desses conectores são semanticamente interdependentes um do outro. Mais precisamente, o X de X CON Y contém, em seu próprio sentido, o fato de estar ligado por CON a Y e, da mesma forma, Y assume seu significado apenas por sua relação com X.

Um exemplo simples é fornecido pelos encadeamentos (1), (2), (3), (4):

- (1) faz calor lá, portanto estaremos bem
- (2) faz calor lá, no entanto não estaremos bem
- (3) faz calor lá, portanto não estaremos bem
- (4) faz calor lá, no entanto estaremos bem

Se se diz (1) a fim de, por exemplo, sugerir ao interlocutor que vá ao local em questão, o calor do qual se trata no primeiro enunciado do encadeamento é um calor "bom", favorável ao desenvolvimento físico e psicológico. Esse valor dado ao significante *faz calor* é inseparável da sua relação, por meio de um *portanto*, com a indicação, no segundo segmento, de um estado de bem-estar. Para ver que o enunciado *faz calor* não tem esse valor por si só, basta comparar (1) com (3), no qual se trata, ao contrário, de um calor "ruim", sufocante. Essa metamorfose deve-se ao fato de que, em (3), o encadeamento tem por segundo segmento a negação do segundo segmento de (1). Mas esse caráter negativo do segundo segmento, por si só, não é suficiente para desvalorizar o calor, também é necessário que o encadeamento permaneça do tipo normativo, isto é, que ele seja constituído por *portanto* ou por um conector semelhante: de fato, em (2), em que o segundo segmento ainda é negativo, mas em que o elo é transgressivo, do tipo de *no entanto*, o calor permanece tão agradável quanto em (1). Demonstrar-se-ia, da mesma forma que a visão pessimista do calor, em (3), não é determinada apenas pelo caráter negativo do segundo segmento, uma vez que ele é encontrado em (4), em que o segundo segmento é positivo, mas introduzido por *no entanto*. Para interpretar o primeiro segmento X dos quatro encadeamentos (1), (2), (3), (4), é preciso considerar a totalidade dos encadeamentos argumentativos em que ele se encaixa, isto é, tanto a natureza, positiva ou negativa do Y, quanto o tipo de conector (*portanto* ou *no entanto*). Vê-se, então, o que interessa à TBS, dado seu viés estruturalista, nos encadeamentos em *portanto* ou em *no entanto*, os únicos que ela chama de argumentações: na medida em que o valor dos segmentos encadeados é dependente do conjunto do encadeamento, não se pode pensar que esse encadeamento seja fundado nos fatos que "denotariam" esses constituintes. Assim, o encadeamento é autônomo em relação aos "referentes" dos enunciados que o constituem: fazer do encadeamento em *portanto* ou em *no entanto* o elemento semântico por excelência, usado para descrever o sentido das diferentes entidades da língua, é, como

exige o projeto estruturalista, renunciar a dar constituintes da realidade como significado a essas entidades, é identificar o significado a combinações de signos e a combinações que não são elas próprias fundadas sobre os eventuais referentes desses signos (se essa última condição não fosse cumprida, o recurso aos encadeamentos para descrever os significados só adiaria, atrasaria sua descrição pelo referente).

A noção de aspecto argumentativo (por abreviação "aspecto")

Em um encadeamento argumentativo, tal como acaba de ser definido (X CON Y), cada um dos enunciados, isto é, o X e o Y, contêm geralmente uma expressão sobre a qual o encadeamento é construído e que deve ser tida como "argumentativamente pertinente". No meu exemplo de calor (encadeamentos (1)-(4)), trata-se das expressões *fazer calor* e *estar bem*. Isso permite agrupar os encadeamentos e constituir o que a TBS chama de "aspectos argumentativos". Um aspecto reúne os encadeamentos que são construídos sobre as mesmas expressões argumentativamente pertinentes, ou sobre expressões semanticamente próximas, e que, por outro lado, têm um conector análogo (seja normativo, seja transgressivo). Pode-se, para caracterizar a relação de um aspecto com os encadeamentos que dele decorrem, utilizar metáforas diferentes, por exemplo, dizer que o aspecto é um tipo de encadeamento ou ainda um conjunto de encadeamentos. Mas, nesta última metáfora, deve-se especificar que o termo "conjunto" não é tomado no sentido da teoria matemática dos conjuntos, que faz do conjunto um objeto individual: os aspectos da TBS são conjuntos apenas no sentido muito vago da linguagem ordinária, em que se trata de designar pluralidades – o aspecto é uma pluralidade de encadeamentos construídos sobre o mesmo molde.

Esse molde é uma especificação de uma das oito fórmulas (NEG) A DC (NEG) B ou (NEG) A PT (NEG) B (se essas fórmulas são em número de oito, é devido à possível presença ou ausência do elemento NEG que coloquei, por essa razão, entre parênteses). Como se adivinha facilmente, o elemento facultativo NEG da fórmula aspectual designa a negação – que é encontrada, por exemplo, no Y dos encadeamentos (2) e (3). No que diz respeito a A e a B, são as expressões que intervêm de forma argumentativamente pertinente nos encadeamentos que decorrem dos aspectos. Assim, os quatro aspectos dos quais decorremos quatro encadeamentos (1), (2), (3) e (4) têm como A *fazer calor* e como B *estar bem*. Enfim, no que diz respeito a DC e PT essas letras destinam-se a recordar os conectores franceses *portanto* e *no entanto*. Um aspecto em "DC" comporta apenas encadeamentos normativos; um aspecto em "PT" comporta apenas encadeamentos transgressivos ((1) e (3) decorrem, assim, de um aspecto em "DC", enquanto (2) e (4) decorrem de um aspecto em "PT"). Essas explicações deveriam levar a associar o

encadeamento (1) *faz calor lá, portanto estaremos bem* ao aspecto FAZER CALOR DC ESTAR BEM, ou ainda, por abreviação, A DC B. Da mesma forma, (2) decorre de A PT NEG B, (3) de A DC NEG B, e (4) de A PT B.

Antes de ver como as palavras podem ser descritas semanticamente com a ajuda de aspectos, gostaria ainda de introduzir uma noção, para nós essencial, que é a de "bloco semântico". Notamos que a palavra *calor* tem, nos encadeamentos (1) e (2), um valor favorável, oposto ao que tem nas sequências (3) e (4). Para dar conta disso, colocamos os aspectos dos quais decorrem (1) e (2) em um bloco diferente daquele em que colocamos os aspectos realizados por (3) e (4).

Os blocos semânticos (por abreviação "bloco")

Um bloco é um grupo de quatro aspectos cujos encadeamentos X CON Y manifestam a mesma interdependência entre a expressão argumentativamente pertinente do segmento X (chamada aqui A) e do segmento Y (chamada B): nos encadeamentos dos quatro aspectos, o A é influenciado da mesma forma por sua presença em uma argumentação– e o mesmo para o B. Então, vimos que a palavra *calor* (A) recebe o mesmo valor favorável nos dois encadeamentos (1) e (2), que eu lembro abaixo, e que decorrem, respectivamente, dos aspectos A DC B e A PT NEG B:

- (1) faz calor lá, portanto estaremos bem
- (2) faz calor lá, no entanto não estaremos bem

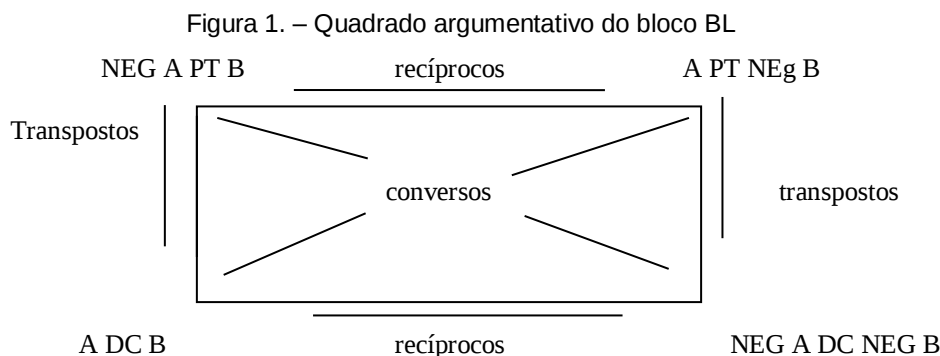
Isso nos conduz a postular que os aspectos A DC B e A PT NEG B pertencem ao mesmo bloco, vamos chamá-lo de BL. A este bloco também pertence, em virtude do critério de interdependência, o aspecto NEG A PT B manifestado pelo encadeamento (5):

- (5) não faz calor lá, no entanto estaremos bem

Certamente, (5) serve para constatar uma situação na qual a ausência de calor é acompanhada de bem-estar. Mas a presença de *no entanto*, no encadeamento que formula essa constatação, atesta que o locutor entende por calor uma fonte de bem-estar. É isso que leva a colocar o aspecto NEG A PT B no mesmo bloco BL que os aspectos manifestados por (1) e (2). O mesmo vale para o aspecto NEG A DC NEG B, do qual decorre o encadeamento (6):

- (6) não faz calor lá, portanto não estaremos bem

Essas observações levam a descrever o bloco BL pelo retângulo abaixo (chamado "quadrado argumentativo"), no qual os quatro aspectos que acabam de ser apresentados ocupam os quatro ângulos. Suas relações formais são denominadas pelos termos colocados nas linhas que os conectam.



Suponhamos que essa descrição funcione para além do nosso exemplo em que A= *calor* e B= *estar bem*, e que o mesmo fenômeno de interdependência se apresenta independentemente de quais sejam o A e o B. Só posso pedir, aqui, a confiança do leitor quando digo que temos um número muito grande de outros exemplos. Contentar-me-ei em indicar um bloco BL', do qual fazem parte os aspectos ligados aos encadeamentos (3) e (4), nos quais a interdependência se manifesta por uma visão desfavorável do calor:

- (3) faz calor lá, portanto não estaremos bem (A DC NEG B)
- (4) faz calor lá, no entanto estaremos bem (A PT B)

Fazem parte igualmente desse bloco BL' (bloco do "calor ruim") os aspectos NEG A PT NEG B e NEG A DC B –o que permite estabelecer, entre os aspectos do BL', as mesmas relações formais que apresentei para o BL.

As relações formais interiores aos blocos têm um interesse empírico, são elas algo além das relações entre os escritos usados para denominar os aspectos? Nossa resposta, teremos adivinhado, é positiva; ela consiste em assinalar que, independentemente de quais sejam o A e o B, se dois aspectos têm uma determinada relação formal, os encadeamentos decorrentes desses dois aspectos têm uma determinada relação discursiva. Veremos, ao final desta apresentação, que a relação formal de conversão sempre corresponde à relação discursiva da contradição. Da mesma forma, a transposição corresponde ao superenriquecimento muitas vezes marcado na língua pela palavra *mesmo*⁵: *faz calor lá, portanto estaremos bem* (aspecto A DC B), *eu direi até mesmo que estaríamos bem lá, ainda que não fizesse calor* (aspecto NEG A PT B). Quanto à reciprocidade, é preciso distinguir

⁵ Nota dos tradutores: optamos, ao longo desta tradução, por usar *até mesmo* em lugar de *mesmo*, a fim de precisarmos os usos desta palavra em português.

aquela da linha superior do quadrado, ligando dois aspectos em PT, e aquela da linha inferior, que liga dois aspectos em DC. Para a primeira, ela corresponde, no discurso, à relação de contrariedade, não no sentido lógico definido por Aristóteles, mas ao sentido discursivo de extrema oposição, marcada por expressões como *é totalmente o contrário, é exatamente o oposto*. Assim, para *não faz calor lá, no entanto estaremos bem* (NEG A PT B), pode-se responder *é exatamente o contrário; até mesmo quando faz calor lá, não se está bem* (A PT NEG B). Agora, no que diz respeito à reciprocidade entre dois aspectos em DC, ela é expressa no discurso pelas diversas expressões utilizadas para vincular a indicação de suficiência (A DC B), abrindo a possibilidade de B e aquela de uma necessidade (NEG A DC NEG B), limitando, ao contrário, essa possibilidade, expressões como *mas não vamos longe demais, mas não vá muito rápido, mas não se empolgue, mas atenção!* Cf.: *se faz calor lá, vamos ficar bem* (A DC B), *mas, atenção!, se não fizer calor lá, absolutamente não estaremos bem lá* (NEG A DC NEG B). (Note bem. Estamos falando aqui sobre as noções linguísticas de suficiência, vista como uma forma de abrir uma eventualidade, e de necessidade, vista, ao contrário, como fechamento, e não das noções lógicas de condição suficiente e de condição necessária, nem, por consequência, de relações lógicas entre esses dois tipos de condição.)

Descrição semântica de uma entidade linguística

Para a TBS (eu insisto fortemente neste ponto), a descrição semântica de uma entidade consiste em especificar os encadeamentos argumentativos que são ligadas a ela. Quando se trata de uma entidade que não é um enunciado, por exemplo, de uma palavra, a ligação se dá apenas por meio de aspectos. Para retomar um de nossos exemplos recorrentes, ligamos ao adjetivo *prudente* uma série de aspectos, dentre os quais o aspecto PERIGO DC SE ABSTER. Quando se trata de um enunciado, as coisas são mais complicadas: é preciso, às vezes, associar-lhe aspectos expressos pelas suas palavras argumentativamente pertinentes e certos encadeamentos isolados que o distinguem de enunciados aparentados. Assim, para distinguir *João é prudente* de *Pedro é prudente*, atribui-se a essas frases, além dos aspectos de *prudente*, os encadeamentos *quando João se vê em perigo, ele toma precauções* e *quando Pedro se vê em perigo, ele toma precauções*, e para distinguir o enunciado genérico *João é prudente* do específico *João foi prudente*, ligar-se-á ao primeiro o encadeamento no presente, que eu acabei de escrever, e ao segundo, um encadeamento no pretérito perfeito, como *quando João se viu em perigo, ele se absteve*. Para não sobrecarregar demais este artigo, não falarei da descrição dos enunciados e de sua associação com encadeamentos isolados, falarei apenas da descrição das palavras e de sua associação a aspectos, isto é, às pluralidades de encadeamentos fabricados sobre o mesmo molde.

O ponto essencial, para nós, é que essa associação é feita de duas maneiras diferentes, o que chamamos de interna e externa. Na verdade, a palavra tem duas relações com a argumentação. Por um lado, a palavra resume, condensa, algumas argumentações que são como a paráfrases ou a reformulação dela mesma. Este é o caso das argumentações que constituem o aspecto PERIGO DC SE ABSTER, que nós ligamos a *prudente*. Trata-se, aqui, da "argumentação interna" da palavra *prudente*. Mas, por outro lado, essa palavra pode ser tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada de determinadas argumentações. É o ponto de partida, por exemplo, de argumentações que indicam o que acarreta sua aplicação (a aplicação da palavra *prudente*, para alguém, implica que se atribua a essa pessoa certos tipos de segurança). E é ponto de chegada das argumentações que explicam sua aplicação (assim, o fato de alguém se preocupar com a vida pode levar a declarar que tem possibilidade de ser prudente). Falamos, então, da argumentação "externa" da palavra "*prudente*" ("externa" não significa de modo nenhum, aqui, que essa argumentação seja adicionada externamente à significação da palavra; para nós, pelo contrário, ela constitui essa significação tanto quanto as argumentações internas).

No que diz respeito à argumentação externa (por abreviação AE), enfatizarei duas de suas propriedades. A primeira, que decorre disso que acabo de dizer, é que os aspectos que a constituem contêm a própria palavra que descrevem. Assim, a AE à direita de *prudente*, aquela que indica as sequências a serem dadas à palavra, e que vou abreviar em AE-d, comporta o aspecto PRUDENTE DC SEGURANÇA, e sua AE à esquerda (AE-e), que diz respeito ao que motiva a aplicação da palavra, comporta APEGO À VIDA DC PRUDÊNCIA. Para tomar outro exemplo, ter-se-á, na AE-d de *tolerante*, o aspecto TOLERANTE DC RELAÇÕES FÁCEIS e, na AE-e, o aspecto INIMIGO DOS CONFLITOS DC TOLERANTE. A segunda propriedade da qual quero falar e que, diferentemente da primeira, não é deduzida da definição da AE, mas está relacionada à nossa maneira de representar o discurso, é que, se uma palavra comporta, em sua AE, um aspecto em DC, ela comporta também um aspecto correspondente em PT. Quando se trata da AE-d, esses dois aspectos são, em nossa terminologia, "conversos" (TOLERANTE DC RELAÇÕES FÁCEIS, TOLERANTE PT NEG RELAÇÕES FÁCEIS). Quando se trata da AE-e, são aspectos "transpostos" um do outro (INIMIGO DOS CONFLITOS DC TOLERANTE e NEG INIMIGO DOS CONFLITOS PT TOLERANTE). Às vezes, temos sido criticados por colocar essas dualidades na AE das palavras. Isso vem, diríamos, postular que a tolerância pode tanto facilitar quanto não facilitar as relações humanas e que ela pode resultar ou não de uma recusa ao conflito. Resultado que é efetivamente de escopo limitado. A crítica seria grave se nós pretendêssemos dar uma "definição de coisa" da tolerância, dizer as causas e os efeitos que a acompanham na realidade. Mas essa não pode ser, sem incoerência, a intenção da TBS, que dá apenas "definições de palavra", isto é, que diz como a palavra é empregada no discurso. Desse ponto de vista, é importante

especificar que os discursos que ligam a tolerância à rejeição dos conflitos e à facilitação das relações humanas são discursos normativos, enquanto aqueles que a vinculam a uma aceitação dos conflitos e a relações sociais difíceis são discursos transgressivos.

Essas propriedades da AE as opõem radicalmente às argumentações internas (AI) das palavras, que constituem, por assim dizer, uma paráfrase dessas palavras, e se aproximam, por isso, de determinadas definições de dicionário. Por um lado, a palavra descrita não deve estar presente nos aspectos que especificam sua AI. Assim, a palavra *prudente* não faz parte do aspecto PERIGO DC SE ABSTER que pertence à sua AI. O mesmo vale para NEG ESTAR DE ACORDO PT DEIXAR FAZER, que colocamos na AI de *tolerante*. Por outro lado, não encontramos nunca, na AI de uma palavra, dois aspectos correspondentes, em que um dos quais seria em DC e o outro em PT. Assim, os conversos dos aspectos que declaramos internos a *prudente* e a *tolerante*, a saber, PERIGO PT NEG SE ABSTER e NEG ESTAR DE ACORDO DC NEG DEIXAR FAZER, pertencem à AI de palavras completamente diferentes e que até constituem a sua negação: falo de *imprudente* e de *intolerante*. Da mesma forma, para nós, o transposto do aspecto PERIGO DC SE ABSTER, interno a *prudente*, isto é, NEG PERIGO PT SE ABSTER, faz parte da AI de uma palavra muitas vezes oposta a *prudente*, a saber, *medroso* (essa relação de transposição entre as AI de *prudente* e *medroso* explica, aliás, que há, entre essas palavras, uma relação semântica de superenriquecimento *ele é prudente, eu direi até mesmo medroso*). Isso não impede que a AI de um termo possa conter diferentes aspectos de um mesmo bloco. Assim, descreveremos as palavras que contêm a ideia de separação por aspectos recíprocos: *exame* tem ambos os aspectos BOM DC SER APROVADO e NEG BOM DC NEG SER APROVADO; *peneira* tem ambos os aspectos GROSSO DC NEG PASSAR e NEG GROSSO DC PASSAR.

Não quero multiplicar os exemplos de AI. De qualquer forma, eles não seriam suficientes para autorizar nossa esperança de associar AI em DC ou em PT a todas as palavras do léxico. Assinalarei apenas que estamos tentando ir além do tipo de palavras que designam qualidades morais e que é certamente o mais fácil de tratar (*corajoso* tem por AI DOLOROSO PT FAZ; *indulgente* tem por AI JULGAR CULPADO PT NEG PUNIR). Nós tentamos também descrever entidades aparentemente mais objetivas, por exemplo, *ser pontual* ou *estar atrasado*: se chamarmos de *t* o momento em que uma coisa *X* deve chegar, a AI de *ser pontual* contém T CHEGOU DC X CHEGOU e a de *estar atrasado* contém o aspecto converso T CHEGOU PT NEG X CHEGOU. Nós tentamos até mesmo descrever as palavras ditas "concretas" por meio de argumentações, o que se faz habitualmente considerando o efeito ou a função dos objetos designados por essas palavras: *porta* terá, assim, em sua AI SEPARAÇÃO PT COMUNICAÇÃO (a porta é caracterizada pelo fato de que ela permite ultrapassar a separação).

Esboço de justificativa

O que fiz até aqui não foi senão impor dogmaticamente os princípios e os conceitos essenciais da TBS. O objeto do meu artigo é, de fato, torná-la conhecida e não de fazê-la ser admitida (supondo que se possa separar as duas atividades de torná-la conhecida e de fazê-la admitir, separação que não está certamente no espírito da TBS). Gostaria apenas de assinalar rapidamente duas direções que foram tomadas em nossas tentativas, orais ou escritas, de justificar; ambas são do tipo "abdutiva" e consistem em exhibir fenômenos dos quais se pode bastante facilmente dar conta no quadro da TBS.

Primeiro, gostaria de salientar que nossas descrições argumentativas de palavras são imediatamente apropriadas a determinados empregos dessas palavras, geralmente denominados como "figurados", o que permite integrar à semântica uma parte do que é geralmente justaposto como Retórica. Este é, assim, o caso para a AI que damos à *porta*, AI que descreve, por exemplo, o uso teológico da palavra para designar a função de intercessão atribuída à mãe de Cristo, dita, nas Litanies, "janua Caeli", "porta do céu". Compreende-se de maneira também imediata que, nos Pirineus, a palavra que designa o desfiladeiro, que estabelece a comunicação entre dois vales separados por uma cadeia de montanhas, seja da mesma origem que *porta*: *puerto*, em espanhol, e *port*, em francês⁶.

Um segundo tipo de justificativa é que a TBS pode caracterizar o efeito semântico de determinadas transformações sintáticas, descrevendo-o como uma modificação dos aspectos associados às palavras sobre as quais a transformação age. Eu o mostrarei rapidamente a respeito da negação. A negação transforma aspectos da AE à direita ou à esquerda em aspectos que lhes são "recíprocos", e os aspectos da AI, em seus "conversos". Assim, colocamos na AE à direita de *tolerante* os aspectos TOLERANTE DC RELAÇÕES FÁCEIS e TOLERANTE PT NEG RELAÇÕES FÁCEIS. Ao adjetivo negativo *intolerante* serão, portanto, associados, no que diz respeito à AE-d, INTOLERANTE DC NEG RELAÇÕES FÁCEIS e INTOLERANTE PT RELAÇÕES FÁCEIS (cf. *Ele é intolerante, portanto ninguém pode suportá-lo e ele é intolerante, no entanto é de fácil convivência*). É ainda, como eu disse, uma transformação de aspectos, a "conversão", que representa o efeito da negação sobre a AI (em uma linguística do tipo lógica, o efeito da negação sobre o sentido é descrito como uma inversão das condições de verdade, que seria certamente suicida para a TBS). Na semântica interna de *tolerante*, nós havíamos colocado NEG ESTAR DE ACORDO PT DEIXAR FAZER. Aquela de *intolerante* contém, portanto, NEG ESTAR DE ACORDO DC NEG DEIXAR FAZER. Assim, é prevista por *intolerante* a paráfrase bastante intuitiva *quando ele não aprova alguém, ele o impede de agir*. Essa descrição tem especialmente uma consequência interessante se se aceita uma descrição polifônica do enunciado negativo, segundo a qual este põe em cena dois

⁶ Nota dos tradutores: em português, *porto*.

enunciadores aos quais são associados conteúdos opostos. Graças à descrição argumentativa dos conteúdos, o conteúdo negativo, isto é, aquele que o locutor assume, é descrito de forma homogênea à descrição do conteúdo positivo recusado. Eu havia, ao contrário, no passado, nas minhas descrições polifônicas e não argumentativas da negação, posto, no interior do próprio conteúdo negativo, uma oposição ao enunciador do conteúdo positivo, o que colocava a noção metalinguística de oposição no interior dos conteúdos. Parece-me que a teoria polifônica da negação é mais clara se a recusa é sempre colocada, não no nível dos conteúdos, mas no nível das atitudes do locutor.

Tudo isso, é claro, não impede que permaneçam numerosos problemas para descrever a negação nos termos da TBS. O mais complicado, que apenas assinalo, é que cada palavra contém vários aspectos em sua AI e vários pares de aspectos em cada uma de suas AE, à direita e à esquerda. Nesta apresentação, escolhi, para as palavras que mencionei, apenas um aspecto interno e um único par de aspectos em cada uma das AE. Se se leva em conta a pluralidade dos aspectos, deve-se levantar a questão "todos os aspectos associados a uma palavra obedecem às duas leis que eu formulei (reciprocidade e conversão)?" Em particular, pode-se distinguir, entre os aspectos ligados a uma palavra, alguns que se encontram no "posto" dos enunciados que contêm essa palavra e outros que participam do "pressuposto". Eles estão no interior dos enunciados, tratados de forma diferente pela negação, já que, por exemplo, os pressupostos são conservados na negação. É necessário, portanto, distinguir, no nível da palavra, aspectos postos e pressupostos, e determinar, de uma forma diferente para cada grupo, o efeito da negação?

Por fim, destaco um problema independente da negação e relacionado ao fato de que os enunciados, como já indiquei, não só exprimem os aspectos das palavras que os constituem, mas evocam determinados "encadeamentos", cuja natureza depende da estrutura do enunciado. Quais são, então, as relações entre os aspectos relacionados ao léxico e os encadeamentos relacionados à sintaxe? O caso mais simples é aquele em que os encadeamentos evocados pelo enunciado decorrem dos aspectos lexicais que ele expressa. Mas os trabalhos recentes de Marion Carel e de Alfredo Lescano (ver, por exemplo, Carel, 2011 e Lescano, 2015) mostram que nem sempre é o caso (quando o encadeamento não é decorrente de nenhum aspecto, Marion Carel fala de "decalagem"). São todos problemas que, juntamente com muitos outros, estão atualmente ocupando os proponentes da TBS. É de se admirar que uma série de problemas não resolvidos, linguísticos e filosóficos, sejam levantados por uma teoria que decididamente rompeu com a descrição tradicional dos enunciados por meio de suas condições de verdade? É certo, aliás, que essa própria descrição tradicional levanta muitas questões, talvez até mesmo aporias, na medida em que deve levar em conta todas as dificuldades associadas à noção de referência.

Presentation of the Semantic Blocks Theory

Abstract

This text presents the most important notions of the Semantic Blocks Theory (SBT). The SBT is a radical version of the Argumentation in Language Theory, and as such, it posits that the semantic atoms have the structure of an argumentative connection, which can be of two types, one of them is made explicit by fr. donc (therefore), the other one by fr. pourtant (however). Given that SBT follows the lines of the structuralist paradigm, it evacuates reference and truth-conditions: lexical meanings as well as the sense of utterances are made of intertwinings of words.

Keywords: Meanings. Sense. Semantic Blocks Theory

Referências

ANSCOMBRE J.-C., DUCROT O. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles : Mardaga, 1983.

CAREL M. (1992). *Vers une formalisation de la théorie de l'argumentation dans la langue*. Thèse de doctorat, EHESS, Paris.

CAREL M. *L'entrelacement argumentatif*. Lexique, discours et blocs sémantiques. Paris : Honoré Champion, 2011.

LESCANO A. Common Ground or Conceptual Reframing? A Study of the Common Elements in Conflicting Positions in French Interactions. In : F. D'ERRICO, I. POGGI, A. VINCIARELLI, L. VINCZE (eds), *Conflict and Multimodal Communication*. New York : Springer, 137-158, 2015.

SAUSSURE F. de. *Cours de linguistique générale*, C. Bally et A. Séchehaye (éds), édition critique par Tullio de Mauro. Paris : Payot, [1916] 1967.

SAUSSURE F. de. *Écrits de linguistique générale*, R. Engler et S. Bouquet (éds). Paris : Gallimard, 2002.